

## Editorial

Em sua biografia sobre Jean Genet, Edmund White (2003) alertava para o fato de que, no seu projeto de criação ficcional, o autor de *Diário de um ladrão* conseguiu estabelecer um vínculo com a melhor tradição literária finissecular oitocentista, sem deixar de lado o seu traço diferenciador. Para o biógrafo, a singularidade de Genet residia na forma como “[...] entremeava fantasia com autobiografia, num nível desconhecido pelos decadentistas. Mais importante, ele é um escritor com estilo extremamente denso, de impacto, em que cada sentença representa uma nova reviravolta e sentimento.” (*Genet: uma biografia*, 2003, p. 208). Por fim, conclui que “[...] sua ficção é sempre desestabilizadora” (Ibidem). Escrita ao longo de anos e publicada em 1993, a obra de White já apontava para um universo multifacetado que a literatura poderia oferecer, e, dentro desta constelação, fulguravam as estrelas que apontavam para a direção das reflexões sobre os gêneros, as sexualidades, os erotismos e, numa perspectiva mais atual, a teoria *queer*.

Ora, a percepção sensível de que o texto literário – independentemente dos temas e dos aspectos que trata e tematiza e da forma como opera os seus mecanismos – constitui o ponto central da atividade crítica parece habitar os gestos e o discurso da aposta biográfica de Edmund White. Não deixa, portanto, de apontar um horizonte relevante para as preocupações e as reflexões de muitos pesquisadores e leitores que se debruçam sobre obras, autores e interrogações que, na atualidade, se tornam emergentes e incontornáveis. Homossexualidade, homoerotismo, flexibilização e ambiguidade de gêneros, bem como as múltiplas manifestações do(s) erotismo(s) compõem alguns dos temas atuais que já não podem ficar relegados a um espaço marginal de silenciamento e esquecimento.

Compreendendo, portanto, a necessidade de fomentar indagações sobre estes mesmos assuntos e de divulgar investigações em andamento e já em plena consolidação de trabalho, a revista VIA ATLÂNTICA 24 (número simbóli-

co, talvez?), propõe trazer à baila no “Dossier Gêneros, Sexualidades e novas Subjetividades nas Literaturas de Língua Portuguesa” aspectos que transitam entre estes diferentes sistemas literários, englobando Brasil, Portugal e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, cujo foco recai sobre as novas dimensões das subjetividades e sexualidades. Assim, obras de autores já consagrados do século XIX fluminense aparecem no ensaio de LEONARDO MENDES; gêneros sedimentados pela visão do cânone são recuperados a partir de novas perspectivas, como pode ser observado no de KELVIN FALCÃO KLEIN; novos nomes e outros já reconhecidos das literaturas brasileira e portuguesa recebem revisitações distintas nos textos de ANTÔNIO DE PÁDUA DIAS DA SILVA, FRANCISCA ZULEIDE DUARTE e JHONATAN LEAL DA COSTA, FLAVIO PEREIRA CAMARGO, GUSTAVO CERQUEIRA GUIMARÃES, MARCIANO LOPES SILVA, MIRIAM ZAFALON e LUCIA OSANA ZOLIN. Os Países Africanos de Língua Portuguesa também comparecem aqui a partir das visões pontuais de MAILZA RODRIGUES TOLEDO E SOUZA e SIMONE SCHMDIT.

Por fim, encerramos este número com a última entrevista concedida por GUILHERME DE MELO (20/01/1931-29/06/2013), uma das vozes pioneiras na reivindicação pelos direitos dos homossexuais em Portugal, antes e depois do 25 de abril de 1974. Em conversa com JORGE VALENTIM, o autor de *A sombra dos dias* deixa registrado as suas impressões sobre as mudanças na sociedade portuguesa, bem como as suas relações com a crítica, com os meios políticos e com seus contemporâneos.

Aos professores e pesquisadores colaboradores, deixamos o nosso sincero agradecimento por fazer deste projeto uma realidade concretizada com a publicação da VIA ATLÂNTICA 24. Aos leitores, desejamos, a partir daqui, um suscitar de interrogações salutares.

EMERSON DA CRUZ INÁCIO  
*Universidade de São Paulo*

JORGE VICENTE VALENTIM  
*Universidade Federal de São Carlos*